Víctor Sousa, que faz desenho artístico e publicitário, pintura artística e publicitária, pintura decorativa, escultura em gesso, escultura metálica, serigrafia, etc., expôs recentemente em Maputo. Foi no meio dos seus quadros que nos concedeu uma entrevista e, numa linguagem chã, conta-nos a história da sua vida. Numa vida atribulada e cheia de curvas e contracurvas, a arte marcou sempre presença.

GENTE DA TERRA

VÍCTOR SOUSA

Uma vida mirabolante

Entrevista conduzida por Filipe Ribas
Fotos: Naíta Ussene

É difícil determinar com exactidão a altura em que comecei a pintar. Talvez porque não seja fácil uma pessoa tomar consciência das suas aptidões. Não encontro, aliás, outra justificação que não seja esta: tudo quanto há em mim relacionado com a pintura e desenho, só foi possível descobrir e dar importância quando, já mais crescido, fiz uma retrospectiva da minha vida.

TEMPO — Passemos uma vista de olhos por essa vida.

VÍCTOR SOUSA — Vivia no

Bairro Indígena, em Maputo num ambiente heterogéneo de educações e idades, em que dominava a agitação e a violência. Passava o tempo a fazer caricaturas, na «lavandaria». As minhas figuras predilectas eram os paralíticos lá da zona ou pessoas dotadas de uma fealdade que andava de boca em boca.

Certa vez, desenhei uma freira com rabo, cornos e autênticas unhas de diabo. Aquele desenho era, na realidade, um terror e tinha muita força: tratava-se de uma freira, cujas feições, para o cúmulo, estavam bem fáceis de identificar. Era a melhor forma de pagar a tareia que tinha levado, a pretexto de um pecadilho que se poderia ter perdoado num abrir e fechar de olhos. Tinha então nove anos.

Dia e noite entregávamo-nos ao trabalho em troca de comida e algumas roupas. Roupas usadas e ofertadas por outras paróquias para os pobres. Então, aquela história de trabalhar ao sol, para tão poucos ganhos, e, ainda por cima, sob constante ameaça de uma chapada, fez-me rebelar. Foi a primeira ocasião em que me senti enlevado e, no meio desta inspiração, fiz a caricatura da freira-capataz. Tal como aprendera no catecismo, reproduzi o diabo, com todos os requintes de horror. A cara era a da freira. A inquisição lá do sítio baniu-me por algum tempo.

Hoje, no sossego da vida que me não corre mal de todo, sou forçado a admitir que algumas das minhas atitudes eram de uma petulância fora do comum. No entanto, acredito que estava a ser moldado por um ambiente viciado pela hipocrisia das freiras. Quando olho para trás, encontro algumas travessuras que me assustam bastante. Repare que, quando era sacristão, antes de atingir os dez anos chegava na sacristia e trocava todas as roupas ou escondia-as, para arreliar os meus colegas. Quando se tratava de sapatos, punha 41 para quem devia usar 37. O resultado estava à vista. O sacristão ia para o altar a arrastar os sapatos e, por causa dos protectores, o barulho era para rir.

A partir dos treze anos, comecei a ter problemas em casa. Tive a segunda grande inspiração, quando após levar um «chumbo de porrada» do meu pai, o retratei sob forma de monstro com dezenas de braços, olhos, narizes e rabos.

Trabalhando ao ar livre

Em 1965, uma madrinha minha, branca, decidiu viver comigo. No princípio senti-me bastante bem, muito mais porque ela encorajava-me a desenvolver o desenho. Não pude matricular-me na admissão porque não estava registado e o meu pai não mostrou interesse em ajudar-me nesse sentido.

O meu gosto pelo desenho estava a ser devidamente estimulado e aceitei, com agrado, matricular-me no Instituto Universal Brasileiro. Para o meu nível, não era fácil compreender todas aquelas explicações sobre desenho, muito mais porque o meu vocabulário estava muito longe de se considerar rico. Assim, acabei por desistir, após quase dois anos de esforços inúteis.

Com o tempo, deu para me sentir como um animal de estimação. Era Víctor ali, Víctor aqui, como se fosse um papagaio doentio. Muito isolado, no meio de mimos que me não agradavam, passei a sentir-me mais negro do que pessoa — um negrinho querido.

T — Essa é boa!

V.S. — Bem boa mesmo. Abandonei a casa e pus-me a vadear. Foi nesta altura que me juntei a um grupo de órfãos que andavam por aí, a fazer não sei o quê. Acabei em ardina dos jornais «Notícias» e «Tribuna».

Uma vez, fui recolhido pelos homens da Câmara Municipal. Foram-me meter no albergue da polícia. Não havia grande diferença entre o carro que recolhia os cães vadios e os miúdos da mesma laia. Aquilo era o nosso terror, que me não fez, no entanto, ter saudades da casa da minha madrinha. Não pude ficar mais do que o tempo para estudar uma estratégia de fuga. Eis-me, de novo em casa dos meus pais.

Passava a vida no porto e na Rua Araújo, onde vendia o jornal «STAR» e aproveitava os tempos livres para fazer caricaturas dos turistas, em troca de cigarros ou dólares. Aquela vida era bem agradável de se viver, pois muitos turistas gostavam das caricaturas que lhes apresentava.

No entanto, havia um grande inconveniente, porque a família já se começava a queixar. Segundo eles, eu estava a desonrá-los com a minha vida de mendigo e de autêntico «capitão de areia». Posto perante isto, e dado que estava a ganhar mais consciência, retornei a casa e recomecei a frequentar o Instituto Universal Brasileiro.

T — Quem custeava os seus estudos e como se sentia em casa dos seus pais?

V.S. — Começo pela segunda pergunta. Pouco importava sentir-me bem ou não em casa, o mais importante era deixar de ser a ovelha ranhosa da família. Tanto se me dava como se me havia dado beneficiar de algum afecto dos meus. Penso que eles também não tinham sede de amor por um vadio que eu era.

Os meus estudos custeava-os eu próprio e é nesta altura que a minha madrinha volta a interessar-se por mim. No mesmo ano, trabalhei na latoaria Pardal, durante poucos meses. Passei para a carpintaria de um tal Amadeu, na intenção de aprender um pouco desta arte. Qual não foi o meu espanto, quando, durante várias semanas, sou posto a carregar sacos de serradura? Mais uma vez, abandonei a carpintaria. Fui trabalhar para a farmácia Alice, até à altura em que fugi para a África do Sul, com medo de ser incorporado no Serviço Militar Obrigatório, em princípios de 1969.

Não pude alcançar as grandes cidades do rand. Só consegui trabalho nas «farms» aqui das proximidades. Acabei por voltar a Moçambique.

Aqui, consegui uma colocação na SOMOREL, como gravador de taças e medalhas. Mas o serviço militar continuava a constituir uma grande ameaça para mim, e então decidi inscrever-me na WENELA e voltei para a África do Sul como mineiro.

Trabalhei muito pouco tempo na mina e fugi pela África do Sul adentro. Nas minhas andanças, conheci um tal George Booker ou Bookler — um nome assim que nem sei como se escreve, — de quem aprendi a desenhar e a pintar. Vendia os desenhos dele, que eram paisagens e naturezas mortas.

Nesta altura, gostava, efectivamente, da arte e sabia que podia contar com ela como meio de sobrevivência. Era um paisagista razoável.

Um dos quadros da sua predilecção e que esteve exposto em Dezembro do ano findo

Retornei a Moçambique. Aos 23 anos de idade que então tinha — sentia-me artista e entrei na pintura figurativa. Comecei a usar a pintura como forma de comunicar e de exprimir os meus sentimentos. Desenhava passagens da minha vida. Os motivos eram sempre tristes, porque queria libertar-me das passagens desagradáveis da minha infância.

Em 1974, fui, de novo para a África do Sul, até 1976. De novo em Moçambique, empreguei-me na FORPOR como desenhador de máquinas. Fiz pintura e desenho pelo Centro de Estudos Culturais de Portugal. Pintava e fazia trabalhos em gesso. No mesmo ano, fui parar à SPANOS, onde fazia desenho para programação de computadores. Fui fazer artes gráficas no Brasil e, em 1979, vim parar aqui. O resto, é tudo quanto se sabe.

T — Qual é o seu desenho predilecto, qual a pintura que mais lhe agrada?

V.S. — «Seiva da Vida» é o meu desenho predilecto, porque «escrevi» nele as páginas da minha infância. «Imaginação» é o quadro que considero uma obra-prima. Dediquei-me profundamente a ele, num grande esforço de alcançar a perfeição. Não me saí mal de todo.

Mas gosto, acima de tudo, da «Carnificina». Neste quadro, senti-me bastante envolvido. Matei e fui morto, esbanjei sangue. Que fazer, a arte é mesmo assim.

Tão assim que mais não houve para conversa. Havia quem queria visitar a exposição. □